

musicais. Quais são seus significados funcionais, como eles se articulam com as noções de discurso, tensão, relaxamento, direcionalidade etc. No capítulo seguinte, no contexto de uma detalhada e profunda discussão sobre a aplicação do conceito de função, a partir da pergunta de se é possível atribuir novas funções às entidades acóricas utilizadas na música contemporânea, Antenor chega à idéia de refuncionalização passando novamente por discussões sobre direcionalidade e discursividade. Mais à frente, encontra, através dessa idéia de refuncionalização, similaridades entre as músicas do contexto pós-tonal com elementos característicos da tonalidade: centros polarizadores (desiderato), dominantes (função de dinamização do discurso), processos de tonicização, funções de elaboração, extensão e prolongamento etc. Talvez Boulez, em seus escritos mais antigos, divergisse dessas conclusões. Porém, as últimas obras de compositores como Ligeti, Berio e outros, ligados às escolas denominadas espectralistas, nova simplicidade e nova complexidade ou até mesmo nas obras mais recentes de Boulez parecem apontar no sentido de confirmá-las (vide a questão do resgate da direcionalidade na análise de Jean Jacques Nattiez sobre a obra *Répons de Boulez* no livro *O Combate entre Cronos e Orfeu*<sup>3</sup>).

Chega então o momento em que Antenor confronta – examinando vários dos autores mais significativos tais como Stephan Kostka, e Vincent Persichetti – as diversas tentativas de sistematização e explicação harmônica da música pós-tonal. Seu interesse é desvendar os mecanismos que permitiram a estes autores a elaboração de suas teorias harmônicas e compreender porque suas propostas são, em alguns casos, *conflitantes e antagônicas ao tratar de assuntos semelhantes*. Em meio a todas estas discussões emergem as novas terminologias tão pouco precisas e, às vezes, contraditórias: tonalidade expandida, tonalidade suspensa ou flutuante, tonalismo livre, politonalidade, atonalismo livre, dodecafonismo, serialismo, pantonalismo, pandia-

3 Nattiez, J. J. *O Combate entre Cronos e Orfeu*. São Paulo: Via Lettera, 2005, p. 231.

tonicismo etc. Aqui também, no capítulo *Polítonmo*, o autor enfrenta com competência e rigor o desafio de tentar organizar, comparar e fornecer distinções conceituais entre estas diversas terminologias, associando-as a procedimentos composicionais determinados.

Depois de percorrer este árduo caminho de pesquisa, levantamento de dados, análises musicais, confrontação de teorias, problematização de conceitos, aplicação de noções, síntese de idéias etc., Antenor finaliza com serenidade e humildade assumindo o grau provisório de sua conclusão em que ele reconhece que *não existe, a rigor, uma sistematização* (para o repertório pós-tonal), *permanecendo-se no campo de relatos de procedimentos técnicos composicionais*. Assim, aparentemente, toda a rica, variada e diversificada produção musical contemporânea permanece vagamente definida unicamente em oposição ao período de prática comum: **música pós-tonal**. Paradoxalmente, esta me parece ser uma posição sensata e promissora, uma vez que na contemporaneidade se faz cada vez mais convincente a proposta delineada pelo filósofo Gilles Deleuze: *Produzir um retorno desterritorializado, como meta-final da música, soltá-la no Cosmo, é mais importante que fazer um novo sistema... Só que nunca estamos seguros de ser suficientemente fortes, pois não temos sistema. Temos apenas linhas e movimentos*<sup>4</sup>.

Outra importante questão assinalada é o fato de que uma suposta transcendência do sistema tonal (que, por incrível que pareça, ainda persiste em grande parte do pensamento sobre a música), revelou-se como um obstáculo, não só à aceitação de outro sistema (entendemos novas práticas), mas também à proposição de uma nova teoria explicativa. E mais à frente conclui apontando para a inadequação do uso do modelo teórico científico clássico para o tratamento do fato musical.

Assim, nos parece que em sua conclusão Antenor aponta para o fato anteriormente mencionado de que toda sistematização é uma

4 Deleuze, Gilles, *Mil Platôs*, vol. 4, São Paulo: Editora 34, 1997, p.170.